

UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO ESQUETE *ENCONTRO*

Éderson Cabral¹
Vera Lúcia Pires²

RESUMO: Este trabalho visa analisar um esquete intitulado *Encontro*, produzido pelo coletivo *Porta dos Fundos*, pois nesse quadro humorístico percebe-se que há um diálogo, no qual os protagonistas, apesar da conversação, não parecem estar se comunicando. Isso nos remete a diálogos cotidianos que são presenciados, os quais são aparentemente apenas trocas de palavras, na tentativa de se fazer presente socialmente, mas que não têm uma troca efetiva de mensagens, o que evidencia um comportamento social. Para abordar esse comportamento, convoca-se como aporte teórico textos de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo e de Patrick Charaudeau. Por meio deste estudo, depreende-se que a compreensão ativamente responsiva nem sempre corresponderá a nossas expectativas, mas isso não faz com que deixe de existir, pois pode ter diversas gradações.

PALAVRAS-CHAVE: Esquete; Semiologia; Compreensão responsiva.

ABSTRACT: This work intends to analyze a sketch entitled *Encontro*, produced by a Brazilian comedy troupe, *Porta dos Fundos*, particularly, in the way its humour is framed in a piece of dialogue. In this excerpt, the protagonists, despite being engaged in a conversation, do not seem to be communicating in fact. This brings us back to everyday dialogues that are performed, which are apparently just an exchange of words in an attempt to become socially present. Nevertheless, they do not have an effective exchange of messages, where people are only playing a social behavior. To address this behavior, the material is analyzed on the basis of Mikhail Bakhtin and his Circle and on Patrick Charaudeau's theories. This study shows that although the responsive understanding does not always correspond to our expectations, it not only happens even so, but also several gradations can be identified.

KEYWORDS: Sketch; Semiotics; Responsive understanding.

Considerações iniciais

Como linguistas, prestamos atenção à linguagem de um modo diferenciado. Muitas vezes, estamos intrigados com um certo aspecto específico da língua ou da linguagem; outras, somos surpreendidos por um elemento textual ou por um discurso em nosso cotidiano.

Há algum tempo nos deparamos com o esquete³ *Encontro*, do coletivo humorístico *Porta dos Fundos*⁴. Nesse quadro humorístico, há um diálogo no qual os protagonistas, apesar

¹ Doutorando em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS; Mestre em Linguística Aplicada; Especialista em Língua Espanhola, Licenciado em Português/Espanhol e respectivas Literaturas. E-mail: edercabral@feevale.br.

² Membro pesquisador do grupo LEAL (Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel-RS); pós-doutora pela UCPel, Doutora em Linguística (PUCRS); Mestre em Educação (UFSM); Graduada em Letras (UFRGS). E-mail: pires.veralu@gmail.com.

da conversação, não parecem estar se comunicando. Essa encenação nos remeteu aos diálogos cotidianos que presenciamos na nossa sociedade, os quais, muitas vezes, são “apenas” trocas de palavras na tentativa de se fazer presente socialmente – mas que não têm uma troca “efetiva” de mensagens –, evidenciando um comportamento social.

Para abordar esse comportamento, traremos como aporte teórico Mikhail Bakhtin, uma vez que esse teórico aborda a linguagem como atividade e o enunciado como um ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, ou seja, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas (FARACO, 2009a); e Patrick Charaudeau, que, por meio de amplo quadro teórico, evidencia que o ato de linguagem pode ser uma expedição, uma aventura, uma aposta entre os seres de fala.

Os produtos culturais, como o esquete *Encontro*, trazem consigo a representação de um rito sociolinguageiro, por meio de um ato de linguagem, no qual podemos identificar nossos próprios atos em relação ao outro e reconhecer as tramas da linguagem que fazem parte do nosso entorno social. Os produtos culturais ficcionalizam recortes da realidade e expõem comportamentos sociais; portanto, podemos consumi-los como simples artigo de entretenimento ou tê-lo como objeto de reflexão e estudo. Os enunciados artísticos e cotidianos se materializam na corrente da interação sociocultural e implicam tomadas de posições axiológicas (FARACO, 2009a).

Somos seres de fala e conseqüentemente temos a necessidade de comunicação e de socialização. Nossa sociedade é palco de infinitas situações de comunicação, mas nem todas elas proporcionam uma troca, um compartilhamento, uma convivência, um bem-estar. Estamos sempre em uma arena ou em uma encenação. Para não correr o risco de sermos ingênuos, talvez devêssemos nos inserir nas situações de comunicação esperando o contrário de nossas intenções, ou criando estratégias, recursos para que pudéssemos apostar em nosso êxito em se tratando de questões comunicacionais.

Teorizando a compreensão responsiva

³ Esquete, do inglês *sketch*, é uma obra encenada, geralmente de curta duração, representada em teatro, cinema, televisão, rádio, etc.

⁴ O *Porta dos Fundos* é um coletivo de humor criado por cinco amigos que, insatisfeitos com a falta de liberdade criativa da TV brasileira, decidiram montar um canal de esquetes de humor no YouTube.

A vida se faz de linguagens, mas não apenas da emissão e recepção de enunciados. O tempo todo estamos tendo uma atitude avaliativa, a qual se manifesta a partir do universo de valores em que nos posicionamos, pois viver é assumir uma posição avaliativa a cada momento; é posicionar-se com relação a valores (FARACO, 2009a). Estamos sempre emitindo e recebendo julgamentos. Nossa sociedade está repleta de enunciados, os quais “emergem sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores”, estar em sociedade – viver em sociedade – é “sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (FARACO, 2009a, p.25). Como podemos dissimular nossas escolhas ou omitir nossa posição axiológica diante do que nos cerca se nem o silêncio garante que tenhamos êxito nisso? Se quebramos o silêncio, enunciamos e nossos posicionamentos são revelados pelos enunciados que produzimos, uma vez que o enunciado está vinculado ao ato de sua materialização, absorto às suas dimensões axiológicas (FARACO, 2009a). Mas o enunciado é algo puramente verbal de fato? Ele não pertenceria também a outras dimensões fora da linguística, pois a língua no mundo da vida tem dimensões constitutivas que escapam da razão teórica da linguística?

Primeiramente, poderíamos abordar as questões pertencentes à língua ou ao problema do sentido, que está em um campo mais amplo, compreendendo a linguagem verbal e o signo em geral; a isso Bakhtin se refere como metalinguística e é parte de uma reflexão sobre a linguagem que ultrapassa a língua como código, discurso ou texto (PONZIO, 2008a). Contudo, com o intuito de analisarmos as posições axiológicas das personagens, pensamos em trazer um aporte teórico a partir do signo, que requer além da identificação, uma compreensão responsiva (PONZIO, 2008a).

Pelo prisma do Círculo de Bakhtin, a enunciação é sempre de alguém para alguém. Sempre responde e reclama uma resposta, que ultrapassa os limites do verbal e está sujeita a comportamentos e solicita comportamentos que não serão somente de tipo verbal. Para Ponzio (2008a, p. 95), a enunciação “vive no cruzamento de atos comunicativos extraverbais que podem ser entendidos como signos que a interpretam e como signos que ela (a enunciação) interpreta”. Sempre estaremos jogando com a enunciação, que pode ser aparentemente simples, mas contém “esferas de significação infinitamente complexas” (PONZIO, 2008a, p. 97).

As enunciações podem se referir às relações com o exterior, ou seja, com outras enunciações, com o texto, com o contexto, com o resto do universo de discurso do qual são

parte (PONZIO, 2008a). Neste estudo, consideramos a enunciação, o texto, o discurso como uma dimensão social, intersubjetiva e dialógica.

Toda enunciação gera significados e eles consistem em pressupostos que remetem a experiências práticas, valores, saberes de um determinado ambiente, que pode ser um grupo familiar reduzido ou todo um universo de discurso de toda uma cultura. Eles dependem do caráter intersubjetivo e dialógico da prática do significar que pressupõe um saber compartilhado, uma abertura para pontos de vista alheios e para várias direções culturais (PONZIO, 2008a).

O Círculo de Bakhtin tenta dar conta da dinâmica das relações dialógicas num contexto social dado e observa que essas relações não apontam apenas na direção de consonâncias, mas também de multissonâncias e dissonâncias. A convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, assim como a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa (FARACO, 2009b). O estudo do aporte teórico produzido pelo Círculo de Bakhtin faz com que reconheçamos que enunciadores são “um complexo de posições sociais avaliativas” (FARACO, 2009b, p.73).

Na vida cotidiana, nós reagimos valorativamente ao que nos cerca. O processo de compreensão responsiva não pode ser entendido como passivo, pelo contrário: é um processo ativo, no qual há uma palavra e a contrapalavra (FARACO, 2009b). Bakhtin (2003, p.271) declara que

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma *ativa posição responsiva* (grifo nosso): concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso), toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Podemos ir da compreensão inicialmente passiva para a compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na resposta imediata em voz real e alta. Todavia há uma compreensão responsiva silenciosa e uma compreensão responsiva de efeito retardado, na qual, cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos posteriores ou no comportamento do ouvinte. Os gêneros da complexa comunicação cultural,

na maioria dos casos, “foram concebidos para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado” (BAKHTIN, 2003, p.272).

No entanto, toda compreensão plena real é ativamente responsiva; seja qual for a forma que ela se dê, já que o falante não espera uma compreensão passiva, ele está já determinado a essa compreensão ativamente responsiva; isto é: espera uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, etc.

Não entramos nas arenas discursivas sem ter expectativas, sem criar uma imagem nossa e de nossos parceiros do diálogo; sempre haverá uma expectativa, no mínimo esperamos a alternância dos sujeitos do discurso, dos falantes, ou uma mera expressão facial, um determinado comportamento, etc. Quando o falante termina o seu enunciado, ele espera, ao passar a palavra ao outro, que seu coenunciador tome um lugar na compreensão ativamente responsiva. Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva, nele observa-se essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples e evidente, pois se alternam as enunciações dos parceiros do diálogo, o que Bakhtin (2003) denomina de réplicas.

As réplicas são interligadas e cada uma, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. O diálogo é a forma mais simples e clássica de comunicação discursiva, a alternância dos sujeitos do discurso, dos falantes, que determina os limites do enunciado (BAKHTIN, 2003). Como dissemos anteriormente, mas voltamos a realçar, sempre se espera, como parceiro de um diálogo, a resposta do outro; anseia-se pela ativa compreensão responsiva, a qual pode assumir diferentes formas, geralmente valorativas, tais como uma resposta crítica, um conselho, um elogio, algum tipo de aprovação, um estímulo, até mesmo um insulto, etc. Junto a essa resposta, também se espera alguma entonação expressiva, que é um traço constitutivo do enunciado. Dialogar é ter um horizonte de expectativas. Quando falamos tudo o que temos a falar, o enunciado se envolve de conclusibilidade, em outras palavras: um falante fala tudo que quer dizer e possibilita uma resposta.

Bakhtin (2003, p.280) dá o exemplo pelo seguinte enunciado: *Que horas são?* Nessa pergunta há o traço de conclusibilidade, da qual necessitamos para que possamos respondê-lo, assim como todo enunciado. No diálogo cotidiano, aguardamos respostas. Ao falar,

geralmente se leva em conta o fundo da percepção do discurso ao destinatário, isto é, até que ponto ele está a par da situação; ou se leva em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos, as suas antipatias e simpatias, pois tudo isso determinará a ativa compreensão responsiva do enunciado que se lança ao parceiro do diálogo.

Para servir como catalizador das expectativas que se têm ao enunciar, para acentuar a ânsia que temos pela compreensão ativamente responsiva, trazemos parte do capital teórico de Patrick Charaudeau (2008), apresentada no texto intitulado *Uma problemática semiolinguística do estudo do discurso*.

Fundamentando a semiolinguística

Charaudeau (2008) aponta que as expectativas dependem do ponto de vista dos atores envolvidos no diálogo, isto é, há uma expectativa, que é múltipla. Assim, percebemos que o problema da comunicação não se situa nem no nível do que é dito explicitamente, nem no nível subjacente, ou seja, do sentido que circula na manifestação explícita, uma vez que há um sentido implícito subjacente ao que é dito explicitamente nos enunciados.

A finalidade do ato de linguagem, tanto para o sujeito enunciadador, quanto para o sujeito interpretante, não deve ser somente apreendida em sua configuração verbal, senão no jogo que um sujeito estabelece entre a própria configuração verbal e seu sentido explícito. Desse modo, esse jogo depende da relação dos protagonistas entre si e de sua relação com as circunstâncias de discurso que os reúnem” (CHARAUDEAU, 2008). Além disso, a expectativa é múltipla, porque o jogo é aberto e variável. O que nos importa aqui é postular que todo ato de linguagem é movido por uma força centrífuga que o obriga a se significar em uma intertextualidade, tal como um jogo de interpelações realizado entre signos na esfera de uma contextualização que transcende seu contexto explícito. Dessa forma, Charaudeau (2008) evidencia dois aspectos das condições de produção/interpretação do ato de linguagem: a) a relação que o sujeito enunciadador e o sujeito interpretante mantêm diante do propósito linguageiro e b) a relação que esses dois sujeitos mantêm, um diante do outro.

Para que entendamos esses aspectos, é importante que saibamos que as circunstâncias do discurso intervêm na partilha do saber dos protagonistas da linguagem – no que diz respeito a suas práticas sociais, na condição de sujeitos coletivos. O ambiente material não é pertinente por si mesmo, mas é pertinente pelo fato de que os interlocutores compartilham,

geralmente, o mesmo saber de mundo que os cerca, em relação aos seus propósitos linguageiros.

A situação extralinguística faz parte das circunstâncias de discurso e figura como um ambiente material transformado em palavra por meio dos filtros dos construtores de sentido, utilizados pelos atores da linguagem. Esses atores podem produzir hipóteses, conforme os ambientes semiotizados (que estão inseridos em um saber partilhado). Os atores da linguagem podem estar ligados por um contrato de comunicação, o qual faz com que compartilhem um ponto de vista semelhante. Assim, as circunstâncias de discurso comandam o ambiente material.

Nos contratos de comunicação, há o sujeito interpretante, que tem como função o interpretar, isto é, criar hipóteses sobre o sujeito enunciador, sobre seus pontos de vista em relação aos seus enunciados e também sobre seus pontos de vista em relação ao seu sujeito destinatário – esse seria o ideal. Charaudeau (2008) ainda destaca que toda interpretação é uma suposta intenção, uma suposta vontade. Para ele, não há circunstância linguageira em que o sujeito interpretante possa deixar de criar hipóteses – o ato de criar hipóteses faz com que o ato de linguagem seja um ato interenunciativo.

Quando definimos as circunstâncias de discurso, vimos que o ato de linguagem, como evento de produção ou de interpretação, depende dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem. Logo, podemos trabalhar essa perspectiva da seguinte maneira, como propõe Charaudeau (2008):

Tabela 1: EU e TU

- EU: o sujeito produtor do ato de linguagem
- TU: o sujeito interlocutor do ato de linguagem

Fonte: elaborado pelos autores.

No entanto, TU não será um mero receptor de mensagens, senão um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso, logo, sobre o EU. Mais uma vez realçamos que interpretar é instaurar um processo para averiguar as intenções do ato de linguagem. A seguir, elencamos outras operações promovidas pelo EU e TU:

Tabela 2: TU interpretante

- TU': TU-interpretante ≠ TU (TU-destinatário) ao qual se dirige o EU

Fonte: elaborado pelos autores.

O TU', conseqüentemente, pode fazer uma interpretação e refletir o EU com uma imagem (EU'), que pode ser diferente daquela que o EU acreditava ter. Nessas designações, podemos dizer que um EU se dirige a um TU-destinatário, que um EU deseja ser/estar adequado ao seu propósito linguageiro, o que Charaudeau (2008) chama de *aposta*, que está contida em cada ato de linguagem.

O autor evidencia que cada ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação que resulta de uma simples produção de mensagens por meio de um *emissor* a um *receptor*. Há um jogo e uma aposta contida em cada ato de linguagem, por isso é preciso vê-lo como um encontro dialético, no qual há os processos de *Produção* e de *Interpretação*, que havíamos mencionado antes.

Tabela 3: Processos de produção e interpretação

- <i>Processo de produção</i> , criado por um EU e dirigido a um TU
- <i>Processo de interpretação</i> , criado por um TU', que constrói uma imagem do EU'

Fonte: elaborado pelos autores.

Por meio dessas conceitualizações, podemos perceber que o ato de linguagem é um ato interenunciativo entre possíveis quatro sujeitos e não apenas dois; lugar do imaginário de dois universos de discursos que não são idênticos. Porém, Charaudeau (2008) expande ainda mais as funções tanto do EU, quanto do TU, apresentando um TU destinatário (TU_d) e um TU interpretante (TU_i), sendo que o TU_d é o interlocutor fabricado pelo EU, como um destinatário ideal.

Tabela 4: TU destinatário e TU interpretante

- TU _d = TU destinatário
- TU _i = TU interpretante

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse caso o EU tem total domínio sobre o TU_d, uma vez que o coloca em uma posição na qual sua intenção de fala é transparente; e, por sua vez, o TU_i, ao contrário, age fora do ato de enunciação produzido pelo EU e está em uma situação de opacidade com a intencionalidade do EU, já que não é uma criação do EU.

Desse modo, se o TU_i está sempre presente em um ato de linguagem, não é no processo de produção. "Saia" não implica um TU_i, mas implica um TU_d que é instituído como "sujeito que deve executar uma ordem". O TU_d não pode fazer nada além disso. O TU_i, ao contrário, pode transgredir essa ordem não executando. Pode também obedecer: então, nesse caso, ele se identifica com o TU_d (CHARAUDEAU, 2008, p. 46).

O TUi pode ter por função retomar a imagem do TUD em seu ato interpretativo, o qual o EU apresentou. Quando faz isso, deve aceitar ou rechaçar a identificação, ou o estatuto concebido pelo EU. O TUi apresenta uma opacidade em relação ao EU, assim pode detectar uma imagem do TUD, que pode não corresponder à intencionalidade do EU (CHARAUDEAU, 2008).

Evidencia-se que o TUi possui uma maior margem de ação, uma certa liberdade em suas reações. Essa categorização é uma forma de visualizar as interpelações feitas pelos sujeitos, parceiros do diálogo, e avaliar sua tomada de decisão diante dos enunciados. Pois bem, falado do TUi e do TUD, podemos encerrar a sessão abordando o sujeito enunciador (EUE) e o sujeito comunicante (EUC).

Tabela 5: Sujeitos enunciador e comunicante

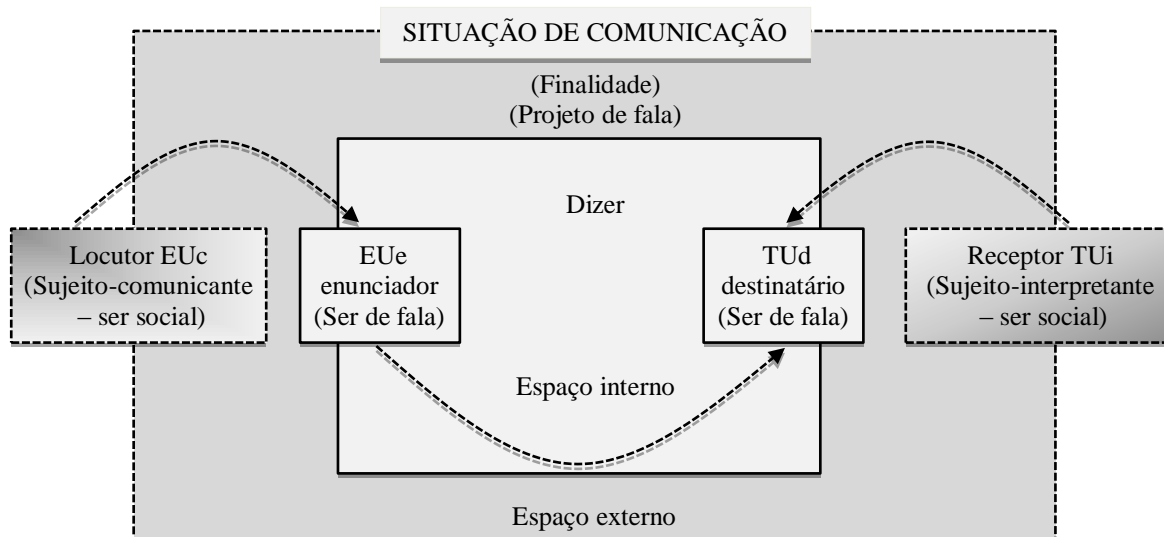
- EUE: sujeito enunciador
- EUC: sujeito comunicante

Fonte: elaborado pelos autores.

O EUE é uma imagem de enunciador construída pelo produtor da fala (EUC) e representa seu traço de intencionalidade. O EUE é, em certa medida, transparente em relação aos seus atos de linguagem. O EUC tende a organizar o seu ato de linguagem, colocando um EUE investido de autoridade, mas essa “atitude não terá êxito se o TUi não o levar a sério” (CHARAUDEAU, 2008, p.49). Entre o EUE e o EUC há uma relação de englobado e englobante, isto é, o EUE é apenas uma máscara usada por EUC. As próprias palavras de Charaudeau fazem mais efeito, assim, para concluir esse ponto. Abaixo, citamos o resumo sobre a conceitualização do EUC e do EUE:

O EUE (sujeito enunciador) é um sujeito de fala (como o TUD) realizado e instituído na fala. O EUE é responsável por um certo efeito de discurso produzido sobre o Interpretante. Porém, como esse *efeito de discurso* depende igualmente do que é o TUi, é o TUi que, em compensação, constrói (para si) uma certa imagem do EUE. Assim, o EUE é sempre uma imagem de fala que oculta em maior ou menor grau o EUC. O EUC (sujeito comunicante) é um sujeito agente (como o TUi), localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas responsável por sua organização. O EUC é o iniciador responsável pelo ato de produção e é a relação EUC-EUE que produz um certo efeito pragmático sobre o Interpretante. (CHARAUDEAU, 2008, p. 51).

Para isso, Charaudeau (2008) apresenta dois circuitos do ato de linguagem: o primeiro seria o circuito de fala configurada, ou seja, o espaço interno, no qual se encontram o EUE e o TUD. O segundo seria o circuito externo à fala configurada, isto é, o espaço externo, onde estão o EUC e o TUi. O esquema proposto pelo autor faz com que tenhamos um panorama da função desses seres de fala:

Figura 1: O contrato de comunicação, segundo Charaudeau

Fonte: (Charaudeau, 2008, p.52), adaptado pelos autores.

Apresentados esses conceitos, que constroem a encenação do ato de linguagem, podemos constatar que ele é um encontro de dois processos, os quais envolvem quatro protagonistas, ligados por um duplo circuito, o primeiro relacionado ao espaço externo e outro ao espaço interno. Assim, somos conduzidos a perceber que os sujeitos se encontram por si próprios sobredeterminados pelas circunstâncias de fala que os ultrapassam, mas ainda estão dentro de um contrato de comunicação, o qual fornecerá um estatuto sociolinguageiro (o ritual) aos diferentes sujeitos da linguagem (CHARAUDEAU, 2008).

Análise do esquete *Encontro*

A análise que segue visa relacionar os pontos teóricos levantados na fundamentação com a transcrição do esquete *Encontro*, produzido pelo coletivo humorístico *Porta dos fundos*, o qual tem como roteirista o ator e produtor Fábio Porchat. Nossa intenção, neste trabalho, é evidenciar como as personagens se comportam na interação, empreendendo um diálogo entre os conceitos do Círculo de Bakhtin (FARACO 2009, PONZIO 2008, BAKHTIN 2003) e os conceitos de Patrick Charaudeau (2008).

Temos como *corpus* a transcrição do esquete *Encontro* em cuja encenação os protagonistas do discurso atuam:

Uma jovem mulher está caminhando na rua, ao mesmo tempo que fala ao celular, quando, de repente, encontra um amigo.

Apresentada a cenografia, segue o Quadro 1 com a transcrição/representação do diálogo cotidiano:

Tabela 6: transcrição do esquete *Encontro*

- [...] Sem banana, só granola. Bota o açá... Só um minutinho, Márcia. Rapidinho, só um minutinho... Cláudio!
- Renata!
- Querido!
- Como você está?
- Estou ótima e você?
- Não estou bem, não.
- Cara, maravilha! E Cintia? Como é que está Cintia?
- A gente acabou de separar, mesmo.

- *Ela é ótima, né, linda! Vocês juntos são ótimos! Sabe que pensei nela esta semana.*
- *Estou pensando nela todo dia.*
- *E as crianças como é que estão?*
- *No caso, é o “crianço”, né? Meu filho Miguel.*
- *Como ele está? Fofo, aposto. Uma graça.*
- *Difícil, né? Está tentando entender a separação.*
- *Ai, que ótimo! Eles crescem rapidinho, né? Mas estou achando você super bem, cara, tá magro.*
- *Estou abatido, né, Renata.*
- *Ai, me passa essa dieta.*
- *Renata, eu não estou conseguindo comer nada.*
- *Tem encontrado o pessoal?*
- *Ah, hoje é o primeiro dia que eu saio de casa desde a separação, né.*
- *[Risos]*
- *Respirar um arzinho, né, porque o apartamento virou mofo e mágoa.*
- *Não encontrou ninguém?*
- *Não.*
- *Ai, meu Deus, só você! Vamos fazer o seguinte: me liga e a gente marca!*
- *Tá! Eu vou fazer o seguinte: eu vou melhorar, daí eu te ligo.*
- *Tá ótimo, querido! Então, tá! Oh, mas não some, hein.*
- *Não sumo, não.*
- *É pra marcar mesmo, hein.*
- *Então tá, mas me passa teu celular, que eu vejo se eu ligo essa semana.*
- *Não some!*
- *Eu só preciso do seu telefone.*
- *Tá, [...] mande um beijo pra Cintia.*
- *A gente separou mesmo, hein.*
- *Tá ótimo, linda ela, linda.*

Fonte: Porta dos Fundos (2012).

Não analisaremos aqui o diálogo como a grande metáfora proposta pelo Círculo de Bakhtin (FARACO, 2009b), senão a representação de um gênero primário do discurso: do diálogo face a face, do diálogo cotidiano, representação que apresenta uma dissonância em relação à compreensão responsiva.

Nesse texto, temos como parceiros do discurso Renata e Cláudio. Renata pede um momento de espera para a pessoa com quem estava conversando no celular, após isso aborda Cláudio e, assim, iniciam uma conversa. Ele responde à abordagem enunciando o nome de Renata, que na sequência enuncia um signo valorativo, *Querido*. Assim, ele faz a primeira pergunta: – *Como você está?*, à qual ela contesta: – *Estou ótima e você?*. Até esse momento temos um EUE (Renata) e um TUD (Cláudio) que trocam informações, apresentam enunciados plenos de conclusibilidade e um contrato de comunicação situado, com a alternância dos sujeitos do discurso e compreensão ativamente responsiva.

Todavia, vamos perceber algumas nuances na situação de comunicação dos parceiros, após Renata devolver a pergunta: – [...] *e você?*. Cláudio responde negativamente, deixando explícito seu estado de espírito: – *Não estou bem, não*. A partir desse momento da réplica, as

personagens Cláudio e Renata alternam os turnos, ela responde ao enunciado de Cláudio: – *Cara, maravilha!*, sem, entretanto, demonstrar interesse pelo seu estado emocional, ou levantar hipóteses explícitas sobre o que pode ter acontecido com Cláudio. Renata ignora isso e traz uma pergunta nova, buscando ou questionando informações externas àquela situação de comunicação, mostra interesse pelo espaço exterior, perguntando por uma pessoa que está fora da situação de comunicação: – *E Cintia? Como é que está Cintia?*.

Mais uma vez Cláudio responde, tendo uma compreensão ativamente responsiva imediata e insere uma nova informação: está separado de Cintia (Cintia é sua ex-mulher, informação deduzida, que não está explícita no texto: – *A gente acabou de separar, mesmo*. O signo *mesmo* parece realçar a informação, sugere uma estratégia de Cláudio, a qual pode produzir um efeito, uma vontade de escuta, transparecendo algo como “é sério, não estou brincando, gostaria que você soubesse disso”, esse signo evidencia sua aposta.

No entanto, Cintia não interpreta dessa forma e o diálogo toma o campo do imprevisível (CHARAUDEAU, 2008). Cláudio tem diante de si um TUi que não o leva a sério, a compreensão responsiva que ele espera é quebrada. E isso vai gerando o efeito cômico no produto cultural.

Renata (TUi), não acatando o papel esperado por *Cláudio* (EUc), dá seguimento ao diálogo, inserindo novas informações que fazem referência ao espaço externo: – *Ela é ótima, né, linda! Vocês juntos são ótimos! Sabe que pensei nela esta semana?*.

Cláudio mais uma vez volta à compreensão ativa responsiva e replica dentro do âmbito da pergunta feita a ele: – *Estou pensando nela todo dia*, o que sugere que ele não esqueceu Cintia e não está conformado com a separação. Assim, o diálogo vai se desenvolvendo. Cláudio está atuando no espaço interno do dizer, e Renata, embora seja sua parceira imediata no diálogo, atua, na maior parte do tempo, no espaço externo. Essa assimetria entre os espaços externo e interno da situação de comunicação mostra uma dissonância em relação à compreensão ativamente responsiva, produzindo o efeito de humor ao leitor/expectador e aumentando a angústia de Cláudio, como parceiro de discurso de Renata.

Renata como parceira de discurso de Cláudio vem atuando de modo padronizado, trazendo para o espaço interno do dizer elementos do espaço externo que são conhecidos por

ela; embora ela não tenha uma compreensão responsiva, conforme o esperado, sobre o estado de espírito de Cláudio, ela alimenta o diálogo, mantendo-o vivo por meio de perguntas, com as quais ela não tem uma atitude responsiva ativa explícita no diálogo, por exemplo: – *E as crianças como é que estão?*.

Como esperamos ao menos uma compreensão ativamente responsiva do outro ou uma ação baseada nessa compreensão, Cláudio responde, jogando com o signo, e estabelece como estratégia um jogo com a palavra “*crianço*”. Nesse emprego, o signo “criança” é atualizado na enunciação e mostra uma variabilidade e uma entonação valorativa. Esse signo verbal se apresenta em um contexto comunicativo concreto, na interação social, gerando uma expressão completa, um ato de – e permitido pelo – discurso que se realiza em um diálogo explícito: – *No caso, é o “crianço”, né? Meu filho Miguel*. Podemos agregar, nessa parte da análise, a distinção entre significação e tema (valoração)⁵: a significação é tudo aquilo que dentro da expressão se apresenta como caráter do reproduzível, do estável e sujeito a um processo de identificação; já o tema de uma enunciação é unitário.

A significação é o “aparato técnico” para realizar o tema e consiste em tudo aquilo que, na mensagem verbal, pode atribuir, por abstração, ao código linguístico, ao sistema unitário da língua. Também a distinção entre tema e significação subsiste evidentemente somente por abstração, no nível teórico, na análise. Na realidade linguística, tema e significação são inseparáveis e não existe entre eles nenhuma fronteira precisa de demarcação (PONZIO, 2008a, p. 91).

Nesse exemplo a palavra “*crianço*” recebe um caráter valorativo, o qual requer uma compreensão ativa, uma relação de interação dialógica, que presume o gênero da criança e sua relação familiar. *Crianço*, mesmo carregado de significância (dotado de sentido), não gera uma nova significação, tampouco um neologismo, mas, dentro do processo enunciativo e dialógico, mostra-se unitário, único e – talvez – irrepitível, porque é uma consequência da relação com essa interação comunicativa especial. A palavra *crianço* é um signo vivo, uma vez que, na enunciação, reveste-se de um sentido atual⁶, pois foi empregado concretamente em uma situação específica (PONZIO, 2008a). Assim, *crianço* está em um contexto de vida que compreende a porção de mundo que entra na visão dos falantes, como Ponzio (2008a, p.94) aponta, quando remete que “as condições reais de vida que produzem uma valoração comum: a posição que se ocupa nas relações familiares, ofício, pertencimento a um grupo social e a um tempo determinado”.

⁵ Valoração é o que individualiza o signo, torna-o concreto e o especifica.

⁶ Na realidade, existem somente “sentidos atuais” (PONZIO, 2008a, p.92).

Se o coenunciador ou TUI, Renata, estivesse correspondendo, segundo as expectativas de *Cláudio*, ao discurso, poderia compreendê-lo como um chiste, uma tentativa de criar um vínculo por meio do humor, pois o enunciador se vale das funções fática e poética da linguagem para manter a comunicação. Nessa cena, há uma compreensão responsiva estabelecida por parte dos interactantes.

Renata entra nesse momento no espaço interno do dizer e tem uma atitude responsiva simétrica: – *Como ele está? Fofo, aposto. Uma graça.* Mas é uma pergunta retórica, descompromissada com a resposta de *Cláudio*, que, mais uma vez, retoma a imagem da separação: – *Difícil, né? Está tentando entender a separação.*

Renata, como TUD, troca os turnos da fala com *Cláudio*, todavia, como TUI, rechaça o enunciado negativo: – *Ai, que ótimo,* e lança no espaço do dizer uma cena validada universalmente: – *Eles crescem rapidinho, né?* As crianças crescem rápido, isso é factual, mas é apenas uma estratégia para manter o diálogo, uma afirmação de caráter universal, logo após isso, numa atitude responsiva, ela joga, aposta num elogio: – *Mas estou achando você super bem, cara, tá magro.* Renata joga com os enunciados que carregam a valorização dos padrões de beleza impostos pela mídia, no entanto, *Cláudio* demonstra que sua aparência não é fruto de cuidados, senão do mal momento que o aflige: – *Estou abatido, né, Renata.*

Para *Renata*, esse enunciado não gera impacto ou comoção; ignorando-o, ela continua sua estratégia de interação positiva: – *Ai, me passa essa dieta.* *Cláudio*, como não tem o que compartilhar em termos de dieta, fala a verdade: – *Renata, eu não estou conseguindo comer nada,* pois em função da separação, perdeu o apetite, a fome de viver, pelo menos essa é a imagem que ele constrói como EUc. Como uma TUI que rechaça o estado de espírito de *Cláudio*, mais uma vez *Renata* alimenta o espaço do dizer com enunciados que remetem ao espaço exterior: – *Tem encontrado o pessoal?.*

Renato, tentando elucidar seu estado volitivo, responde: – *Ah, hoje é o primeiro dia que eu saio de casa desde a separação, né.* *Renata* apenas ri (como se o enunciado merecesse ou disparasse o riso) e continua a escutar a lamentação de *Cláudio*: – *Respirar um arzinho, né, porque o apartamento virou mofo e mágoa.* Ela interpreta esse enunciado como um simples *não*, sem criar hipóteses explícitas, sem se compadecer com o seu parceiro de discurso, apenas enuncia: – *Não encontrou ninguém?.* *Cláudio* contesta com – *Não*, e isso faz com que *Renata* tenha uma falsa atitude responsiva, que, na verdade, é uma forma de encerrar o

diálogo e voltar para sua conversa anterior: – *Ai meu Deus, só você! Vamos fazer o seguinte: me liga e a gente marca!*. Cláudio concorda, como um TUD que não tem como desviar da imposição transparente de EUc e faz uma pequena ressalva para não aceitar seu convite de imediato: – *Tá! Eu vou fazer o seguinte: eu vou melhorar, daí eu te ligo*. Renata, para finalizar o diálogo, reforça o convite: – *Tá ótimo, querido! Então tá! Oh, mas não some, hein*.

Concordando e fazendo adesão à iniciativa de Renata, Cláudio diz: – *Não sumo, não*. Como não tem o telefone de Renata, faz um pedido: – *Eu só preciso do seu telefone*. Porém, como Renata não está interessada em dar continuidade ao diálogo (nesse momento), ela mais uma vez rechaça o pedido de Cláudio e ainda demanda a ele uma saudação a sua ex-mulher: – *Tá, [...] mande um beijo pra Cintia*, como um sinal de gentileza, de cordialidade, de amabilidade, diante da qual Cláudio tenta, por fim, deixar claro que já não está mais em uma relação conjugal com Cintia, sua ex-mulher: – *A gente separou mesmo, hein*. Encerrando a encenação, Renata se despede com um elogio a Cintia: – *Tá ótimo, linda ela, linda*, o que enfatiza que ela não teve uma compreensão ativamente responsiva diante dos enunciados de Cláudio, conforme ele esperava, voltando a passar a receita para a pessoa com quem estava ao telefone.

Podemos levantar, ainda, que Cláudio quebra o contrato de comunicação de um encontro casual, evidenciando um comportamento cultural, segundo o qual não se fala do seu estado de espírito, caso ele seja negativo. Nesses encontros rápidos, os sujeitos de discurso fazem apenas breves menções sobre sua pessoa, sua família; não é permitido, culturalmente, dizer que não se está bem nesses encontros. A imagem que Renata constrói ao público é a de uma pessoa descomprometida com a situação de Cláudio, porém ela apenas cumpre à risca o contrato de comunicação, não deixando o contrato se direcionar para o lado da negatividade – mesmo que o faça –, o que seria uma força centrífuga ao gênero primário do encontro casual, sem grandes pretensões de se estender o assunto. Ela segue o protocolo social, o rito social de elogiar, perguntar sobre os familiares, não permitindo a quebra da situação de comunicação. Essa é sua compreensão ativamente responsiva, mesmo parecendo vazia de sentido, que gera um efeito de humor e de estranhamento para o leitor/expectador.

Considerações finais

Não é porque a compreensão ativamente responsiva não seja conforme nossas expectativas, que ela deixe de existir, ela pode ter diversas gradações. Mesmo que se interaja

com um destinatário que pareça passivo, há uma atitude responsiva. Criamos imagens de nós e dos outros com as quais jogamos e apostamos por meio dos atos de linguagem constantemente. No entanto, não é raro termos a sensação que os diálogos são uma coleção de monólogos, uma vez que as pessoas falam umas para as outras, mas não umas com as outras. A comunicação, muitas vezes, trata de uma coordenação mecânica de distanciamento e de indiferença, não uma partilha, como foi ilustrado pela nosso *corpus* de análise.

Talvez nossa sociedade, apesar de estar imersa em informações, esteja de alguma forma omissa, desinteressada ou desabilitada a ter diálogos com laços mais significativos, menos frouxos do que esse que foi representado no produto cultural *Encontro*. Talvez estejamos correndo um perigo social, não em termos de violência física, senão psicológica e simbólica, pois estamos perdendo a nossa capacidade de interagir socialmente.

Fazer dialogar dois teóricos como Bakhtin e Charaudeau não é uma tarefa fácil. Sabemos a importância de ambos os quadros teóricos propostos pelos autores. Mas, seguidamente, vemos que muitos linguistas trabalham com eles de forma isolada, desconsiderando a hipótese de uni-los em suas análises.

Esse artigo foi uma tentativa de realizar esse encontro, que, por sua vez, pareceu-nos produtivo e capaz de realizar análises profundas em relação ao ato interenunciativo. O dialogismo e a semiolinguística são campos que, unidos, podem resultar em grandes produções teóricas, uma vez que podem analisar situações complexas de comunicação.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARAUDEAU, P. Uma problemática semiolinguística do estudo do discurso. In: _____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

ENCONTRO. *Porta dos fundos*. Roteiro: Fábio Porchat. 2012. 2'13". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BxlfjHl9XUE&vl=pt>>. Acesso em: 5 fev. de 2018.

FARACO, C. A. O círculo de Bakhtin. In: _____. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

_____. Criação ideológica e dialogismo. In: _____. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.

PONZIO, A. Signo e sentido em Bakhtin. In: _____. *A revolução bakhtiniana: o*

pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. Signo e ideologia. In: _____. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008b.